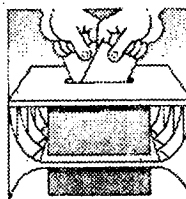


Mais de 75% dos eleitores que contribuíram para a vitória de Fernando Collor de Mello no primeiro turno vivem nas pequenas e médias cidades do Interior. Muitos deles escolheram o candidato confiando em sua juventude, em sua sinceridade.



Outros, por rejeitarem uma coisa que não sabem bem o que é, mas que, vagamente, classificam de comunismo e identificam com o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Formam, todos, um eleitorado pouco politizado, mas atuante.

O Interior paulista collore as urnas

MOURA REIS

Fernando Collor de Mello, vencedor do primeiro turno das eleições, desenhou um curioso mapa eleitoral em São Paulo: terceiro colocado na Capital, com não mais de 17%, dos 5,6 milhões de votos, ganhou no Interior com tamanha folga que se colocou em primeiro lugar na soma geral do Estado. Dos quase 17,5 milhões de eleitores paulistas que participaram da votação, 4.085.224 cravaram o nome de Collor. Destes, 3.122.622 moram no Interior. Ou seja, 76,5% dos eleitores que preferiram o candidato do PRN vivem nas pequenas e médias cidades paulistas.

O mapa desenhado no dia 15 assume contornos muito particulares quando se observa que, para conquistar 26,5% dos votos do Estado — percentual um pouco inferior aos 28,5% assinalados em todo o País —, Collor entusiasmou, em algumas cidades, mais de 50% do eleitorado. Em Presidente Epitácio, por exemplo, no extremo Oeste do Estado, ele recebeu 10.677 votos de um total de 17.322. Ou seja, 69,85%. Encravada às margens do Rio Paraná, divisa com Mato Grosso do Sul, Presidente Epitácio, uma cidade rica de 35 mil habitantes, dominada por largas avenidas de duas pistas separadas por jardins bem cuidados, não é uma exceção no Oeste de São Paulo. Algumas de suas minúsculas vizinhas, de nomes sugestivos, como Flora Rica e Ouro Verde, brindaram Collor com cerca de 55% de seus votos, quase todos depositados nas urnas por entusiasmados cidadãos de pele curtida, enormes chapéus, botas surradas e que exercem a dura profissão de "trabalhador rural avulso", popularmente conhecidos como "boias-frias".

O entusiasmo pela vitória de Collor no primeiro turno se transformou numa espécie de certeza da repetição no segundo. Protegidos do forte calor na quase sempre bem arborizada praça da cidade, grupos anima-

dos de "boias-frias" elegeram o segundo turno como assunto principal das conversas. Até apostas são feitas, mas apenas quanto à diferença em relação a Lula: "Aqui em Ouro Verde, Lula não vai ter mais que os 215 votos do primeiro turno e Collor vai passar dos 3.500", garante o entusiasmado Sebastião de Souza, 28 anos, filho de sergipanos que se mudaram para a região em 1955. Ouro Verde tem 4.094 eleitores. Para Sebastião, o candidato do PT "não cresce" na pequena cidade "porque é comunista". "Sou Collor desde o começo e serei Collor até o fim", repete, com convicção, Hileno Pereira Machado, na principal mercearia de Flora Rica, a 40 quilômetros de Ouro Verde. Na mesma mercearia, no animado bate-bate sobre política, o fazendeiro e duas vezes prefeito da cidade, Rolando Emboada da Costa, se declara "decidido por Collor no segundo turno", depois de ter votado em Mário Covas no primeiro. Experiência, conhecedor da cidade e da região, Rolando prevê um aumento da votação de Collor, em dezembro, como resultado "de um crescimento natural de seu nome" e da rejeição a Lula "por ser de esquerda".

O ex-prefeito concorda com os cálculos segundo os quais Collor ganhará, em Flora Rica como na maioria das cidades da região, os votos dados no primeiro turno a Paulo Maluf e Guilherme Afif Domingos, da mesma forma que conquistará "mais da metade" dos eleitores de Mário Covas e Ulysses.

Esses votos, opinam os moradores, irão para Collor independentemente de acordos ou alianças de cúpula. No primeiro turno, a posição de líderes políticos não funcionou no Interior. O governador Orestes Quércia mandou descarregar votos em Leonel Brizola. A maioria dos seus emissários, segundo se comenta em várias cidades, não teve coragem de transmitir a recomendação. Os poucos que decidiram enfrentar os eleitores em conversa de pé de ouvido não tiveram sucesso. Brizola recebeu miseráveis 252 mil votos.